

# INTERPRETAR E TRANSFERIR: TAREFAS IMPOSSÍVEIS, TRANSPORTES NECESSÁRIOS

Pedro Heliodoro Tavares\*

## RESUMO

Abrimos esse texto remetendo o leitor a Análise finita e infinita (*Die endliche und die unendliche Analyse*, 1937), onde Sigmund Freud apresenta o psicanalisar, seu fazer clínico, juntamente com outros dois fazeres (governar e educar), como algo da ordem do impossível, por sempre alcançarem somente sucessos insatisfatórios. A essas profissões/fazeres/tarefas ditas impossíveis, gostaríamos de acrescentar o fazer tradutório. Para tecer tal discussão, nos valem de dois vocábulos que convidam de forma privilegiada à ambiguidade e ao equívoco: *übertragen*, na língua alemã de Freud e interpretar em nossa língua portuguesa. Entretanto, o impossível da tarefa, não justifica a pura e simples renúncia, para aqui incluirmos a polissemia da *Aufgabe* benjaminiana em nossas reflexões.

**Palavras-chave:** tradução e interpretação; tradução e transferência; tradução e psicanálise.

## ABSTRACT

*We open the paper addressing its reader to Sigmund Freud's *Ended and Endless Analysis (Die endliche und die unendliche Analyse, 1937)*, where the author presents his clinical practice, psychoanalyzing, together with two other impossible tasks, governing and educating, as something impossible, since they only reach unsatisfactory success. To those so called impossible professions or tasks, we would like to add the translation. In order to develop our discussion we count on two words that point in a privileged way to ambiguity and to equivoque: *übertragen*, in German and *interpretar* in Portuguese. Nevertheless, the impossible of the task, does not justify the pure and simple renounce, so that we keep in mind here the ambiguity of Benjamin's *Aufgabe*.*

**Keywords:** *translation and interpretation; translation and transference; translation and psychoanalysis.*

\* Professor da Área de Alemão – Língua, Literatura e Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Doutor em Psicanálise e Psicopatologia pela *École Doctorale Recherches en Psychanalyse* da Université Paris VII (Paris-França) (2005-2008), bem como Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003-2007). Realizou Pós-Doutorado junto à Pós-Graduação em Estudos da Tradução - UFSC (2010-2011) investigando as traduções da obra de Sigmund Freud.

Em *Análise finita e infinita* (Die endliche und die unendliche Analyse, 1937) Sigmund Freud apresenta o *psicanalisar*, seu fazer clínico, juntamente com outros dois fazeres, a saber, governar e educar, como algo da ordem do impossível. Seriam impossíveis por sempre alcançarem somente sucessos parciais ou insatisfatórios. A essas profissões ou tarefas ditas impossíveis, gostaríamos de evidenciar o acréscimo do fazer tradutório.

Jacques Derrida, automeado um amigo da Psicanálise e, aliás, um dos grandes responsáveis por intensificar os diálogos entre os Estudos da Tradução e a Psicanálise, é quem nos lembra em seu *Des Tours de Babel*, o *double bind* (duplo vínculo) imposto à tradução: ao mesmo tempo *necessária* e *impossível*. Jogando-se com a homofonia, obtêm-se do título desse escrito de Derrida *das torres* (des tours) e o *desvio* (détour). Eis aí algo que nos mostra já a primeira grande impossibilidade da tradução, preservar os mesmos equívocos e as ambiguidades provocados pelo som ou pela forma, no trânsito de uma língua para a outra. No *transporte* da tradução – e é como transporte que queremos aqui evidenciá-la – sempre algo se *desvia*, sai dos trilhos. Algo *de-lira*, no sentido original do traçado feito pelo sulco do arado formador da “lira”, monte de terra revolvida ao seu lado. Entretanto, nesse trilho sulcado pelos escarificadores do arado, os desvios delirantes da tradução são muitas vezes o que há de mais fecundo, são nos trilhos tortuosos por ela abertos que se lançam as sementes e ali algo pode florescer.

A tradução conforme Mounin (1963) é, muitas vezes, a condição para que o texto, a escrita se completem. Uma *Gestalt* aberta no texto-fonte pode finalmente vir a se fechar em uma tradução. Ela é sempre uma reescrita e a escrita, como nos lembra Vilém Flusser, tem em si o gesto violento do *entalhe*, do *corte*. Como vemos com Göttert (2010, p. 31), no *Write* inglês está o que no alemão derivou para o *ritzen*: *arranhar* a partir do proto-germanico *writanan*: rasgar, rachar. Já o latino *scribere*, o nosso *escrever*, ou o alemão *schreiben*, remontam ao riscar com o objeto perfuro-cortante, o *stilus*, com o qual o atravessador de fronteiras linguísticas clandestinamente atravessa os detectores de armas e outros perigos potenciais. Nessa trilha, porém, o *graphein* grego, o *grafar* e o *gravar* portugueses, são parentes do *graben* alemão: escavar para enterrar um corpo, sendo o substantivo *Grabe*, a cova; *Begräbnis*, o enterro. O tradutor-escritor que completa o texto traduzido, em seu *double bind* necessário e impossível, coautor-complementador, pode ser o trabalhador da terra que, ao escavá-la com sua reescrita, tanto faz as vezes de *agricultor* quanto as de *coveiro*.

As escavações da terra aparecem na obra de Freud, por sua vez, como o ofício do arqueólogo, mostrando as camadas da história, *die Schichten der Geschichte* (FLUSSER, 2010, p. 21), aparentemente mortificadas, mas que pulsam no inconsciente descrito em *Das Unbehagen in der Kultur* (o Mal-estar na Cultura) (FREUD, 1930) em comparação com a cidade de Roma, na qual coexistem as épocas nas edificações dos tempos dos Césares, da *Republica*, do Renascimento e da atualidade. A temporalidade inexiste no inconsciente, fazendo conviver os mortos com os vivos, o passado com o presente e o futuro. Numa análise, o que está aparentemente morto e enterrado ganha vida ao ser trazido à superfície do discurso. Na Psicanálise a *palavra* se escande na *pá* que *lavra*, numa lavoura arcaica do psiquismo, por vezes soterrado pelo recalque.

Se *metaphores* (metáfora) é a palavra que lemos escrita nos caminhos de mudança da Grécia moderna (DEUTSCHER, 2005), por que é sempre de um *transporte* que nelas se trata, passemos da metáfora da *terra* para a das *águas* ao tratarmos dos impossíveis fazeres tradutório e analítico. Claro que aqui não poderíamos deixar de pensar na travessia de Caronte, barqueiro que leva as almas sobre o rio Aqueronte entre os mundos dos vivos e o mundo dos mortos. O rio infernal, aliás, é o que aparece na epígrafe da obra fundamental da psicanálise, *A Interpretação dos sonhos* (Die Traumdeutung), de Freud (1900). Ali, sem traduzi-lo, na obra que funda a psicanálise com remissões comparativas desta prática ao fazer tradutório, seu autor nos apresenta de forma enigmática

os versos da *Eneida* de Virgílio: *Flectere si nequo superos, Acheronta movebo*. No inconsciente freudiano, feito rio do submundo, os tempos confluem. Confluem nele também as moções de amor e de ódio, o negado e o afirmado, muito embora o analista-Caronte ao introduzir seu remo ou cajado nas águas até um ponto estanque do leito desse rio, faça com que a barca-divã aponte certos rumos no *curso* do *diz-curso* do analisante.

O analista aí conduz o tratamento, não o curso das águas da vida em que está lançado o viajante. Eis um limite que aponta para as impossibilidades de se chegar a uma terra firme e definitiva, sem que se poupe o viajante das intempéries, na constante ameaça do iminente naufrágio. Lembremos que Freud caracteriza a Psicanálise como um *Seelenbehandlung*, tratamento da *Seele*, da alma que na língua alemã está relacionada às águas dos lagos (der See) ou mares (die See). De acordo com Grebe, a palavra derivaria de *See* significando, *Seele*, “zum See gehörend”, quer dizer, *pertencente ao mar*. Shakespeare faz assim a desesperada Ofélia diante do impossível se afogar nas águas da loucura. Os loucos eram excluídos da terra firme embarcando na nave dos insensatos de Sebastian Brant. Eis aqui uma fundamental amostra do intraduzível quando se quer fazer a *Seele*, instância aquífera, equivaler à alma-*anima* ou à *psyche, spiritus*, instâncias aéreas por excelência.

Dos desvios das águas, como a régua mergulhada no copo, geradora da refração desviante, a travessia tradutória sempre está submetida aos empuxos deslocadores das águas pelas quais atravessa. Vários autores, aliás, sobretudo o grande Herder, já se valeram do curioso fato que nos apresenta a língua alemã com o par de verbos *übersetzen* e *übersetzen*. Verbos compostos, derivados do *setzen*, colocar-assentar, e do tão polissêmico prefixo *über*: Aparentado originalmente do *hyper* grego e do *super* latino, *über* tem aqui o sentido mais próximo de *trans-* ou de *meta-*, não do que está *acima*, mas do que “*passa sobre*” ou “*por cima*”. Com a tônica colocada sobre o verbo *setzen*, temos o verbo não separável *übersetzen*, denotando *traduzir*, ao passo que, com a tônica no prefixo, *übersetzen*, forma-se o verbo separável que designa “transportar para o outro lado”, como no ofício de Caronte com as almas ou de qualquer balseiro que atravessasse uma fronteira fluvial.

Na língua alemã, aliás, a noção da *tradução*, como se tratando de um *transporte*, passagem de um lado para outro, fica patente pela recorrente sinonímia empregada entre *übersetzen* (traduzir) e *übertragen* (transferir). Schleiermacher (1813) teria feito, aliás, de *Übertragen* uma espécie de hiperônimo que incluiria o *Dolmetschen* (tradução oral) e o *Übersetzen* (tradução de textos). Não raro, ao procurar pelo tradutor de um livro em sua ficha catalográfica o leitor encontra a informação “*ins deutsche übertragen von...*” significando “traduzido para o alemão por...”. Na Psicanálise, porém, o substantivo *Übertragung*, referente a esse verbo, ocupa um lugar de destaque, justamente como o principal conceito clínico de Freud: a *transferência*. Para ele, o psicanalista que poderia achar que na compreensão da teoria psicanalítica haveria as maiores dificuldades, este se deparará no manejo da transferência, *die Handhabung der Übertragung*, com o grande desafio e o confronto com a ordem do impossível neste fazer.

Em Psicanálise a transferência foi identificada pelo mecanismo de um endereçamento ao analista como se este estivesse no lugar ou na posição de outra pessoa, sobretudo daqueles que em épocas remotas ou em aspectos arcaicos do psiquismo participaram da constituição do sujeito em questão, quer dizer, fundamentalmente, das figuras parentais e/ou de suas funções como sucedâneos. Afetos e expectativas são assim transportados, transferidos do psiquismo inconsciente do analisante quando se endereça ao sujeito do suposto saber, função atribuída ao analista. À transferência, o que possibilita a análise, soma-se a resistência, o que no extremo a impossibilita. O analista deveria, portanto, estar atendo ao que aparece como *versetzen*, deslocado, aparentemente fora do lugar quando o analisante a ele se endereça, entendendo que o transferido encontra-se de alguma forma críptica, em uma outra língua, para poder traduzi-lo, *übersetzen*, como uma linguagem de trans-

porte. Para o analisante, haveria a ilusão de estar falando a mesma língua do analista, tal como, por exemplo, falantes de língua próximas acreditam estar se entendendo em uma variante intermediária, numa interlíngua como oportunhol, até se depararem com o mal-entendido a partir de falsos cognatos tais como *embarazada* (grávida) – *embaraçada*, *exquisito* (delicioso) – *esquisito* etc. A Psicanálise mostra, aliás, que nunca falamos a mesma língua estando sempre submetidos ao mal-entendido, ao equívoco.

Falamos da terra e das águas, mas poderíamos novamente com Vilém Flusser pensar a tradução, como um salto sobre o abismo sem chão (FLUSSER, 1992), um salto nos ares, de um solo para o outro. Flusser pondera em seu *Língua e Realidade* (1963) o quanto nosso Eu é produzido nos limites de escopo que a nossa língua nos impõe. Para esse homem “sem chão”, como se caracterizou em sua autobiografia (*Bodenlos*), a tradução poderia ser um gesto em grande escala libertador das amarras que as condições de certa língua impõem ao nosso psiquismo e à nossa apreensão da realidade. Ao traduzirmos, os preconceitos inerentes a uma língua (Ex.: fair hair, Schwarzarbeit, judiaria etc.) se evidenciam e nos advertem quanto a certas armadilhas. Estar suspenso no ar, *bodenlos*, seria um passo de necessária e impossível despersonalização, alienação das amarras imaginárias impostas da língua ao Eu nela fabricado.

A tradução como um “salto no ar”, nos retira por um momento de uma ancoragem em terreno firme, para termos que refazer novamente nossas tessituras, desfeitas de um lado, refeitas do lado de cá. O tradutor seria assim um teleportador que desintegra o ser na cabine de emissão e o reintegra na cabine de recepção. Dos riscos de um teletransporte, entretanto, nos lembra o filme de Kurt Neumann (1958), posteriormente refilmado por David Cronenberg (1986), *The Fly*. Nessas peças cinematográficas, baseadas no conto de George Langelaan (1957), um cientista desenvolve um método para teleportar uma pessoa de uma cabine a outra. O teste funciona bem com um macaco que é desintegrado e reintegrado com sucesso. Quando experimenta em si mesmo seu invento, o cientista não percebe que uma mosca caseira entra com ele na cabine emissora, sendo com ele desintegrada para se fundirem em um só ser na segunda cabine, fazendo com isso a história de ficção científica se transformar em um filme de terror.

Muitas vezes tão invisível ou desprezado pelos leitores de um texto em versão quanto foi a mosca no laboratório de Brundle é também o tradutor, que, advertidamente ou não, entranha-se no texto vertido e na reintegração fusional do texto na língua de chegada, podendo com sua participação tanto inseminar quanto parasitar o autor do texto de partida. Assim, o analista é também insistentemente convocado pelo analisante a participar de sua realidade, parasitando seu discurso quando em transferência e atendendo as demandas de amor e de ódio endereçadas pelo sujeito que fala no divã.

Na Psicanálise vem afinal a alusão imaginária derradeira ao quarto elemento de composição, paradoxalmente também de decomposição: o fogo. O fogo é o *pharmakon* da transferência. Quando Freud alude em *Observações sobre o amor transferencial*, ao dito de Hipócrates: “as doenças que os remédios não curam, o ferro cura; as que o ferro não pode curar, o fogo cura; e aquelas que o fogo não pode curar devem ser consideradas “inteiramente incuráveis” (FREUD, 1915[1914], p. 221). O amor de transferência é o *pathos* que pode encaminhar o tratamento. O fogo ameaçador, que a tudo pode destruir, é a única condição de tratamento. Já na tradução revive-se o mito da fênix, quando o texto entregue à fogueira da decomposição das palavras da língua que o geraram, deve renascer de suas cinzas em outras carnes, ossos e penas, ou outros sons, estruturas e acepções.

Na tentativa de transporte do *essencial*, nas traduções e nas análises a *essência* tende à dispersão. *Essência* remete afinal ao perfume, o líquido que, entregue ao calor do fogo, se dispersa no ar. A alma, vimos ser líquida quando *Seele* alemã, mas aérea em outras concepções como em

*anima* ou *psique*. O hálito úmido e quente soprado nas cavidades da terra fria. Na noção grega de metempsicose, as almas migram voando pelos ares não como a terrível mosca de Brundle, *the fly*, mas como borboletas, *butterflies*, aliás outra acepção de *Psyche* (Ψυχή). Mas nunca a essência perfuma do mesmo modo um novo corpo.

Na análise e na tradução, o jogo infinito e paranoico das metáforas, necessário em larga medida é, no limite, o grande ameaçador de seus fracassos. Lembramos aqui o equívoco presente na *Aufgabe* benjaminiana (BENJAMIN, 1923). O transporte metafórico diz muito da *tarefa* desses fazeres, mas precisam se defrontar, tanto o analista quanto o tradutor, também com a necessária *renúncia* diante das impossibilidades nos transportes e formações de sentidos. Se o jogo com os sentidos se dá nos encontros do imaginário com o simbólico, o sentido deixa de fora o real. Aí é quando paradoxalmente a competência se manifesta pela renúncia da *intradução*, da não-interpretação.

Evidenciar o que escapa à produção de sentido e onde se deve cessar o jogo substitutivo pode aparecer nos cortes mudos das intervenções analíticas, nas rupturas com as leis de aglutinação e separações dos sons em uma escanção. Na tradução, por seu turno, mais do que tornar doméstico o que é estranho, o sucesso pode também se dar no evidenciar o estranhamento a partir dos elementos domésticos.

Quer dizer, mais do que fazer a mediação entre o estranho e o familiar, pode nestes fazeres a tarefa/renúncia estar em mostrar a estranheza (*Unheimlichkeit*) na aparente familiaridade (*Heimlichkeit*), bem como a familiaridade na aparente estranheza.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Die Aufgabe des Übersetzers*. In Schriften. Band 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1923/1955.
- DERRIDA, Jacques. Des Tours de Babel. IN: Graham, Joseph (Ed.) *Difference in Translation*. Ithaca/Londres: Cornell University Press, 1985, p. 165-174.
- DEUTSCHER, Guy. *The Unfolding of Language – The Evolution of Mankind’s greatest Invention*. Londres: Random House, 2005.
- DRODOWSKI, G.; GREBE, P. (Eds.) *DUDEN Etymologie – Herfunftswörterbuch der deutschen Sprache*. Mannheim: Dudenverlag, 1993.
- FLUSSER, Vilém. *A Escrita: há futuro para a escrita?* Tradução de Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010a. (Edição Especial – Biblioteca Flusseriana).
- \_\_\_\_\_. *A História do Diabo*. São Paulo: Annablume, 2010. (Edição Especial – Biblioteca Flusseriana).
- \_\_\_\_\_. *Bodenlos*. São Paulo: Annablume, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Língua e Realidade*. São Paulo: Annablume, 1963/2010.
- FREUD, Sigmund. Bemerkungen über die Übertragungsliebe. In *Gesammelte Werke chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1914/1999.
- \_\_\_\_\_. Das Unbehagen in der Kultur. In *Gesammelte Werke chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1930/1999.
- \_\_\_\_\_. Die endliche und die unendliche Analyse. In *Gesammelte Werke chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1937/1999.

\_\_\_\_\_. Die Traumdeutung. In *Gesammelte Werke chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1900/1999.

GÖTTERT, Karl Heinz. *Deutsch: biographie einer sprache*. Berlin: Ullstein Buchverlage, 2010.

MOUNIN, Georges. *Les Problèmes Théoriques de la Traduction*. Paris: Editions Gallimard, 1963.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens. In: HEIDERMANN, Werner (Org.) *Antologia Bilingue: Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1813/2010. Volume 1, Alemão-Português.